

27.10.21
→ 21h30

T

A

G

V

TAGV60ANOS
TEATRO
CRIAÇÃO ORIGINAL/ESTREIA ABSOLUTA

Versão Beta

Visões Úteis



“Versão Beta” é a exploração a solo, eminentemente autobiográfica, das tensões entre passado, presente e futuro, entre o que se projetou e o que se viveu, entre o que se deseja e o tempo que ainda temos ou que já não temos. Carlos Costa, num registo íntimo e divertido, constrói relações improváveis entre uma cassete vídeo de 1984, a leitura i terminável de uma obra iniciada em 1995 e um projeto com estreia marcada para 2038 e em preparação desde 2008. Este espetáculo encerra, no Visões Úteis, um ciclo de trabalho – dividido entre o teatro e a performance na paisagem e em comunidade, entre o palco de equipamentos culturais e derivas híbridas pelo espaço público - em que as questões da memória, identidade e arquivo são particularmente importantes. Esta é também a primeira produção carbono (quase) zero da companhia, fundada em 1994: Ensaios com energia verde, elementos de cena reutilizados, deslocações da equipa, para ensaios, a pé, de metro ou de bicicleta, e itinerância em veículo elétrico.

Uma k7 betamax, com 30 minutos, de 1984*

em perda de óxidos

“Isto é um processo muito delicado, não sei se percebem. Eu próprio não percebo, mas sinto (pausa. Coloca mão sobre peito ainda ofegante) e dizem-me, dizem-me, que estas fitas estão repletas de óxidos; ou estavam, quando foram fabricadas, porque agora podem não estar, e o problema é mesmo esse, porque os óxidos tendem a descolar da fita com o tempo, a descolar, percebem?, e as imagens estão nos óxidos, portanto as imagens descolam (pausa) e eu fico a pensar: descolam? Mas descolam e vão para onde? Para onde é que vão essas imagens, esses óxidos que estavam na fita – os óxidos são compostos químicos binários compostos por oxigénio e por outro elemento e os óxidos - que podemos encontrar aqui são de ferro ou de cromo – portanto para onde vão as imagens, para onde vão os óxidos?”

*Em 1984, recebeu o seu primeiro leitor/gravador de vídeo: um C-80 da Sony. Nessa noite, acreditou que controlaria para sempre a circulação de imagens no mundo, que controlaria o próprio tempo. O aparelho vinha acompanhado de uma cassete virgem de 30 minutos que imediatamente começou a gravar, acumulando imagens que desafiam as relações entre afinidade e aleatoriedade.

O falhanço da leitura, de uma obra de Marcel Proust, iniciada em 1995**

em curso

“Reparem, isto é que tem sentido, deixas que te fotografem quando estás a terminar alguma coisa – ela aqui está a terminar a leitura do Ulysses, do James Joyce – a terminar, reparem como as páginas estão quase todas para a esq e só sobram pouquinhas para a direita. (apontando a imagem de si no barco). É exatamente o contrário desta ingenuidade (pega na imagem e fica com as duas na mão). E o pior é que parece que planeei vestir uma camisola às riscas que fizesse lembrar o fato de banho dela. Não. É bonito mas é uma coincidência, isto está cheio de coincidências. (Pegando nas fotografias de si e de Marilyn Monroe) Será que isto aconteceu assim? As páginas à esquerda e as páginas à direita... as riscas...ou sou eu que de cada vez que vejo, de cada vez que conto, acrescento mais alguma coisa para que aquilo que recordo se pareça cada vez mais com o que me parece que devia ter acontecido.”

**Em 1995, iniciou a leitura de “Em Busca do Tempo Perdido”. Nesse momento, a bordo de um navio que atravessava o Mar Egeu, com uma camisola às riscas, acreditou que o tempo estava do seu lado e que a esperança de vida de um homem europeu lhe permitiria completar a tarefa.

Processo criativo (em curso) iniciado em 2008
para estreia de espetáculo em 2038^{***}

improvável

“Não se nota muito pois não? Digo a passagem do tempo. Não estou assim muito mais velho, pois não? Espero que daqui a 17 anos se note bem mais... seria frustrante ter este trabalho todo e depois chegar aos 69 e as pessoas dizerem que não se notava diferença nenhuma para as imagens dos 39

“O quê? Gravaste aquilo em 2008, oh pá não se nota nada, estás mesmo bem conservado, parecias mesmo tu como estás agora, um bocadinho de maquilhagem e tal mas não se notava nada” Isso era mau. Mas acho que se vai notar. (Faz pausa na reprodução. Coloca-se ao lado da imagem de si, imóvel, para que o público possa avaliar.)”

^{***}Em 2008, gravou-se a si próprio, em vídeo, interpretando os textos que Samuel Beckett - em Krapp's Last Tape - indica como tendo sido gravados 30 anos antes. Nesse momento acreditou que 30 anos depois, em 2038, iria estrear o respetivo espetáculo (ainda acredita).

O Visões Úteis é um projeto artístico, de origem teatral, fundado no Porto em 1994, e atualmente residente na freguesia de Campanhã. Até ao final de 2020 o Visões Úteis criou e produziu 44 espetáculos de teatro, 9 trabalhos de Performance na Paisagem, 2 Performances Comunitárias, 11 filmes e 5 festivais, em Portugal, Espanha, França e Itália.

O Visões Úteis é um projeto artístico, marcadamente de autor, que se produz a si próprio, um projeto pluridisciplinar, com uma direção partilhada e assente em metodologias de trabalho colaborativas que convocam uma especial participação de toda a equipa artística. Como sinais desta identidade podem apontar-se as sucessivas experiências de Performance na Paisagem - articuladas com viagens, residências, património e memórias - e a assinatura de dramaturgias originais - resultado de longos processos criativos que questionam, sem mediação, não só o nosso aqui e agora mas também os modos de participação do público.

No Visões Úteis o projeto estético sempre cresceu em sintonia com uma forte motivação ética - podemos mesmo dizer política - numa constante reflexão acerca do sentido contemporâneo de fazer arte e teatro, que quotidianamente marca as opções de trabalho, agudiza a consciência da responsabilidade social e política para com as comunidades envolventes e obriga à partilha dos processos de reflexão e autonomia da arte contemporânea com a população em geral, e em particular com todos aqueles que vivem nas periferias, sejam estas de geografia, género, geração, cultura ou etnia. Como sinal desta identidade pode apontar-se o crescimento, ao longo dos últimos anos, da atuação no domínio da programação, quando associado ao desenvolvimento do território de Campanhã, à transferência de conhecimento entre as instituições de ensino superior e as profissões das artes performativas e a diversas parcerias de criação, aprendizagem e acolhimento, nomeadamente em contexto europeu. O Visões Úteis é membro da PLATEIA - Associação de Profissionais das Artes Cénicas, do IETM - International Network for Contemporary Performing Arts e da Fundação Anna Lindh. A Direção Artística é de Ana Vitorino, Carlos Costa e João Martins.

Texto, direção e interpretação Carlos Costa **Espaço cénico** Inês de Carvalho **Vídeo** Sara Allen **Desenho de luz** Pedro Correia **Banda sonora original e sonoplastia** João Martins com a participação de Maria Martins **Cocriação** Ana Vitorino **Coordenação de produção** Alice Prata **Produção executiva** Pedro Monteiro **Produção** Visões Úteis (2021) **Coprodução** Visões Úteis, Teatro Académico de Gil Vicente **Agradecimento** Editora Relógio d'Água, Museu Futebol Clube do Porto e Alice Costa, Carlota Castro, Cátia Vilaça, Daniel Pires, Fernando Matos Oliveira, Inês Filipa Silva, Isabel Ferreira, José A. Nunes, Jorge Maurício, Lola Arias, Luís Mestre, Mafalda Banquart, Marta de Baptista, Miguel Falcão, Ricardo Correia, Hernâni

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pela Direção Geral das Artes do Ministério da Cultura

Local auditório TAGV **Duração** 1h05 **M12**

